



CAXINGUELÊ

CAXINGUELÊ

Menino e menina que joga capoeira

O TEATRO SOCIOEDUCATIVO

A COMPANHIA MIM ENROLA E NÓS DO CAI

Dayse Marcello

Socioeducadora do Degase, psicóloga, poeta,
escritora, blogueira e consultora de projetos
socioculturais.



NÁUFRAGO

Malditas são as ondas.

Vagas.

Que insistem em jogar aos rochedos,
A nau do meu destino.

Não era este o rumo,

Que eu previra,

Ao deixar o porto,

Ao me largar das amarras umbilicais,
Da inocência de existir.

Meu caminho de viver era incerto.

Guiado por estrelas é verdade,

Mas eram tépidas as águas.

Este é um trecho de um dos poemas que fez parte do terceiro espetáculo que montamos nas oficinas do Teatro no Contexto Socioeducativo. Náufrago. Não por coincidência ele expressa de forma significativa a trajetória de muitos dos adolescentes em conflito com a lei. Eu chorei muitas vezes na apresentação deste espetáculo que montamos, na época, com um grupo de oito adolescentes. Em cena, eles trocavam suas roupas enquanto esse poema era recitado e terminavam o espetáculo com seus uniformes. Muitas outras pessoas também deixaram suas lágrimas rolar.

Um provérbio africano diz: “Se quiser saber o final, preste atenção no começo”. Vou dedicar as próximas linhas para contar como foi aventura da criação de um grupo teatral no Departamento Geral de Ações Socioe-

educativas - DEGASE. Não foi fácil! Nada no DEGASE é fácil! Mas foi e ainda é transformador. Tudo valeu muito a pena.

Quando eu ingressei no serviço público no Departamento Geral de Ações Socioeducativas – DEGASE, realizávamos reuniões educacionais periódicas, com toda equipe da unidade de internação, para o desenvolvimento de projetos interventivos capazes de ajudar na eficácia do cumprimento das Medidas Socioeducativas. Nestas reuniões, muitos projetos eram viabilizados. Eu era a “menina dos projetos”. Sempre estava atuando em alguma frente de trabalho que pudesse oxigenar o DEGASE.

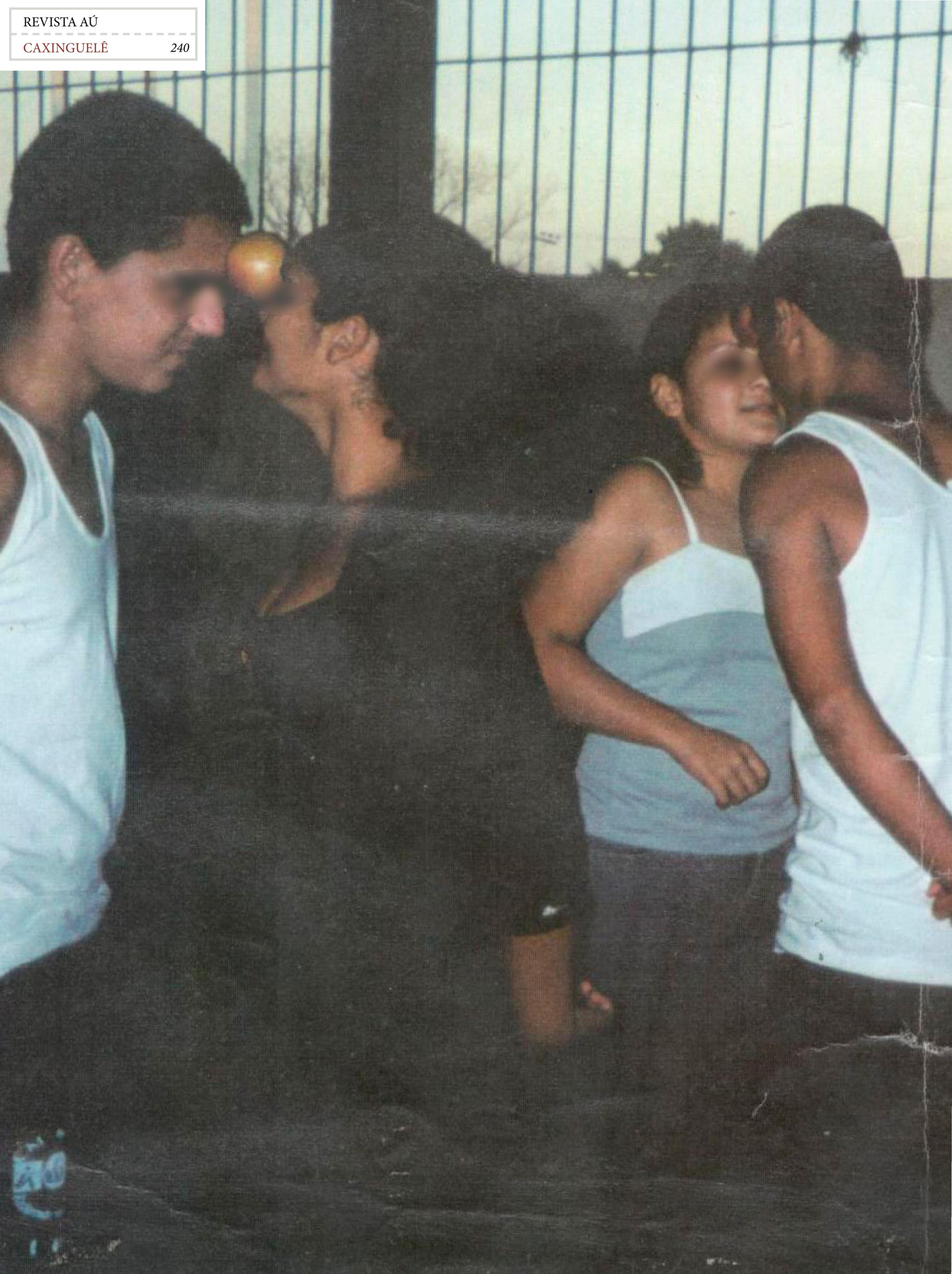
Mas eu nutria um incômodo e uma indignação particular com a banalização dos estereótipos racistas que apareciam nos apelidos dos adolescentes, meninos e meninas. Era comum que os adolescentes fossem apelidados de macaco, tiziu, azulão, godzila, gorila, cabelo de bombril, cabelo mendigona, entre outros. Eu fui percebendo que outros

profissionais do sistema também se incomodavam com a situação.

Em uma de nossas reuniões, eu propus que iniciássemos um projeto de enfrentamento ao racismo junto ao adolescentes. Na ocasião, eu trabalhava na sala de leitura. José Luiz realizava as oficinas de capoeira, o Serginho, pedagogo, realizava oficinas da palavra e reforço escolar e a Pastoral da Igreja Metodista realizava oficinas de sensibilização com temáticas destinadas também a combater o preconceito, conduzidas pela Pastora Kaká. Nos unimos em um só objetivo: enfrentar o racismo no Sistema Socioeducativo, na unidade de internação, à época, CAI BAIXADA. Projetamos as oficinas iniciais e as atividades conjuntas, solicitamos o material necessário e o local para ensaios. O local que nos permitiram realizar o projeto foi um galpão abandonado, dentro da unidade CAI Baixada, que havia sido projetado para ser um auditório, mas estava sendo utilizado como depósito de quinquilharias.

Nossa primeira aventura foi limpar aquele espaço físico e torná-lo habitável. Isso durou 2 semanas. Seguimos para segunda aventura, formar as turmas. Separaram para nossa oficina, que inicialmente recebeu o nome de *Teatro Socioeducativo*, os meninos mais “inquietaos, atrevidos, problemáticos e agressivos” e com baixa escolaridade. Isso sem falar no adolescente “mudo”. Este desafio foi o melhor de todos, particularmente, foi o de que mais gostei. Os resultados foram tão positivos que até o menino mudo, que tinha 70% do seu corpo queimado, vítima do incêndio de repercussão internacional no antigo Instituto Padre Severino, conseguiu recitar Castro Alves no palco. Foi emocionante!

Iniciamos nossas oficinas com sensibilização, exercícios, vivências e juntos montamos nossa primeira apresentação. Em quatro meses. Trabalhamos com o poema de Castro Alves “Navio Negreiro”. E este foi o nosso primeiro espetáculo montado.



NAVIO NEGREIRO

Trecho do Poema Navio Negreiro – Castro Alves

“Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,

Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

A linguagem centenária de Castro Alves e a baixa escolaridade dos meninos, nos levou a desenvolver diferentes estratégias para compreensão e memorização do texto. Junto com a oficina do Serginho fizemos com os adolescentes um dicionário bem criativo. Era um livrinho de bolso, improvisado, com as folhas coloridas sinalizando a ordem dos significados das palavras desconhecidas por eles no texto. Junto com a pastoral realizamos sensibilização com músicas, voz, violão, vídeos e recitais. Isso ajudou bastante o processo de compreensão, apreensão dos conteúdos do texto e memorização. Certa vez, estávamos exibindo para eles o filme AMISTAD, quando um adolescente levantou e disse: “Isso aí é tudo mentira! Isso não aconteceu não!” E ficou muito nervoso diante da emoção que o invadia ao assistir as cenas do filme, mostrando as crueldades acometidas aos negros nos navios negreiros. Esse mesmo adolescente, quando subia ao palco, emocionava todos. Ele utilizou toda emoção apreendida em sua performance. Era bonito de se ver. O maculelê e a capoei-

ra eram os pontos altos da apresentação. No entanto, o “auge” era o final da apresentação, quando os adolescentes cantavam um trecho da música do Rappa “Todo camburão tem um pouco de Navio Negreiro”, enquanto arrebentavam correntes de papel de seus pés e mãos. A emoção era coletiva.



Nossos meninos brilham no palco

"Ainda comemorando os 10 anos de Estatuto da Criança e do Adolescente, foi realizado na Estação do Metrô Carioca exposição de trabalhos artesanais de várias ONG's e Instituições que lidam com o jovem. Entre os trabalhos expostos estavam o de várias Unidades do DEGASE e no palco montado especialmente para a oca-

sião foram apresentados várias peças, entre elas a dos meninos do CAI - Baixada - Navio Negreiro."

Este espetáculo foi apresentado 19 vezes em saídas externas ao DEGASE, e dezenas de vezes em atividades internas do DEGASE. Na lista de locais onde apresentamos o teatro, quero destacar o palco do metrô da estação Carioca, o palco do Colégio Pedro II, o Museu da República, o Teatro do SESC de São João de Meriti e o Teatro Carlos Gomes.

"DEGASE pelo DEGASE

No auditório do SESC de São João de Meriti foi realizado no dia 25 de agosto, o 1º Concurso de Trabalhos Técnicos na área de Psicologia do DEGASE organizado pelas coordenadorias CAI e CRI. Na ocasião estiveram presentes várias autoridades que puderam assistir uma brilhante apresentação teatral dos meninos do Cai - Belford Roxo além de presenciar as apresentações dos trabalhos das psicólogas e respectivas premiações. O primeiro lugar foi conferido para a psicóloga Elizabeth

Paiva, o segundo para Cristine H. de Oliveira e o terceiro lugar para M^a Beatriz P. Pereira do Projeto Nossa Casa.

Cada saída externa era uma aventura inesquecível. No Colégio Pedro II, algumas alunas fizeram fila para pegar autógrafos com os meninos. E eles não conseguiam esconder a reação de felicidade. Também no palco do metrô Carioca, o carro não tinha como descer para deixar os atabaques. Precisamos descer a pé, em meio a multidão (horário de rush), com os meninos vestidos para apresentação e sem algemas. Ninguém fugiu. Embora todos tivessem tido ali uma oportunidade para isso.

Atividade do Teatro foi se consolidando gradativamente. Não houve fugas e nem reincidentências dos adolescentes aguerridos no teatro. A maioria dos participantes “curingas” melhoraram na leitura, interpretação de texto e criatividade. Alguns começaram a escrever seus próprios poemas e receberam prêmios por isso. Recebemos o convite para apresentar atividade do Teatro Socio-

educativo no 1º Concurso de Projetos do DEGASE. Aceitamos o desafio e ganhamos o 1º lugar. O Projeto foi premiado. Recentemente, em 2016, recebemos, eu e José Luiz Pacheco, a certificação de honra ao mérito e o troféu “Abraço”, por desenvolver um projeto pioneiro de relevância na história cultural do DEGASE.

Diferentes atividades educativas foram impulsionadas, a partir da experiência pioneira do Teatro Socioeducativo, que teve como foco inicial o enfrentamento do racismo, o exercício da cidadania e a transformação social. Foi admirável acompanhar os resultados positivos do Teatro. Os adolescentes saíam de uma situação de “cárcere privado”, cotidianas piadinhas racistas e preconceituosas, para o “palco”, para a distribuição de autógrafa, entrevistas e outros desdobramentos de sua atuação no espetáculo. Este exercício de reposicionamento do adolescente na sociedade contribuiu para reconstrução de sua autoestima fragilizada.

Foi um aprendizado coletivo de humanidade, superação do racismo e outras formas de preconceito.

Em 2004, eu e José Luiz não estávamos mais à frente do Teatro, que ficou sob a condução do Jefferson com nossos apoiadores e parceiros. Jefferson continuou com brilhantismo e até hoje ele mantém a atividade do Teatro Socioeducativo. Antes de sair, criamos a companhia Teatral “Min Enrola”, este nome, fazia alusão às guimbas de cigarros que os adolescentes pegavam sorrateiramente, no chão, na tentativa de fazerem um cigarro de verdade enrolando as guimbas em um papel. Recentemente o nome foi modificado para Companhia Teatral Nós do Cai.

Registro aqui um agradecimento especial ao meu companheiro de trabalho à época, José Luiz Pacheco, um dos homens mais criativos que conheci até os dias de hoje e a todos que, direta e indiretamente, nos ajudaram nessa “aventura”. Os que investiram tempo, finanças, esforços intelectuais e bra-

çais para que nós não desistíssemos. E também àqueles que nos impulsionaram nos momentos mais difíceis, dentre eles: Dra. Eliana (psiquiatra); Serginho (pedagogo); Isabella Reinert (professora); Dra. Solange (psiquiatra); Lucy Maciel (musicoterapeuta); Alexandre Bezerra, nosso produtor de eventos; André Porfiro (professor); Pastora Kaká, parceira incondicional; Alexander Martins, nosso articulador cultural; Jeferson, coordenador atual do projeto do Teatro no CAI Baixada.

Minha expectativa é que o DEGASE dê certo para a ressocialização. Ainda que caminhando em passos curtos. Mas que a transformação social aconteça, ainda que não alcance a todos, já será um resultado positivo. E para servir de inspiração, eu deixo aqui um dos maiores sucessos de Chico Buarque que foi o tema do segundo espetáculo que montamos com nossos adolescentes: CONSTRUÇÃO. É isso. Não podemos deixar de refletir sobre essa palavra e os desafios que ela nos traz.



CONSTRUÇÃO

Chico Buarque

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado

E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido

Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado
Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e desgraça que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague

IMAGENS

1. Apresentação de peça do Grupo Nós do CAI - Acervo do grupo
2. Atividade de ensaio teatral da Companhia Mim Enrola. Acervo da autora
3. Apresentação da peça Navio Negreiro com a Companhia Mim Enrola. Boletim do Degase, setembro de 2000. Acervo da autora.
4. Apresentação de peça do Grupo Nós do CAI - Acervo do grupo